
RACISMO COTIDIANO E EXCLUSÃO SOCIAL NA CRÍTICA DE MUNIZ SODRÉ À SOCIEDADE BRASILEIRA

EVERYDAY RACISM AND SOCIAL EXCLUSION IN MUNIZ SODRÉ'S CRITICISM OF
BRAZILIAN SOCIETY

Me. Clecio Leonardo Mendes Araújo ⁴⁴

SODRÉ, Muniz. *O Fascismo da Cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023. 280 p.

Muniz Sodré de Araújo Cabral, nascido em 1942, em São Gonçalo dos Campos (BA), é um dos mais proeminentes intelectuais brasileiros do século XXI. Sociólogo, jornalista, tradutor e professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui vasta produção no campo da comunicação, da epistemologia afro-brasileira e da crítica cultural. Com atuação interdisciplinar e militante, sua obra transcende os limites da academia, contribuindo para o pensamento crítico latino-americano. Em *O Fascismo da Cor: Uma Radiografia do Racismo Nacional* (2023), publicado pela Vozes, Sodré propõe uma instigante e original chave analítica para compreender o racismo à brasileira, articulando sociologia, filosofia, literatura e comunicação.

Composto por prólogo, quatro capítulos e posfácio, o livro totaliza 280 páginas de densa elaboração teórica. Seu eixo interpretativo reside na formulação do conceito de “forma social escravista”, apresentado como alternativa ao consagrado, porém, segundo o autor, limitado conceito de “racismo estrutural”. Para Sodré, a reprodução do racismo no Brasil não se dá

⁴⁴ Homem, negro e gay. Professor do 1 ao 5 ano na Prefeitura Municipal de Teresina, Mestre em Educação (UNICAMP). Especialista em Educação Infantil (UESPI), Ensino da Língua Portuguesa (UENP) e Especialização em Processos Didáticos-Pedagógicos para cursos na modalidade a distância (UNIVESP). Graduado em Pedagogia (UESPI), graduado em Sociologia (UNICESUMAR) e bacharelado em Turismo (UFPI). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC - cultura infântis) e participante do Grupo de Estudo do núcleo de estudos Gênero, Educação e Afrodescendência (Roda Griô/GeAfro) e do Grupo de pesquisa Educação Transversal na Linha de Pesquisa Educação para as Relações Étnico-Raciais (IFES). Atuou como membro de bancas de Heteroidentificação do Vestibular da UNICAMP (2023, 2024), da Comissão Organizadora de Concurso COC/UFPI (2022, 2024), do Sistema de Seleção Unificada (SISU) da UFPI (2021, 2022, 2023 e 2024), do Processo Seletivo de Ingresso nos Cursos Técnicos do IFPR (2021) e do Processo Seletivo do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (Mestrado e Doutorado) da UNICAMP (2023). Tem afinidades com os temas: Educação Infantil, Gênero, Raça, Professor Negro, Afrodescendência, Relações étnico-raciais e Literatura Infantil (cleonardo1605@gmail.com).



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

apenas por estruturas institucionais, mas sobretudo por uma lógica relacional e subjetiva herdada da escravidão e naturalizada no cotidiano social. A abordagem metodológica da obra é dialética, crítica e transdisciplinar, mobilizando autores como Frantz Fanon, Michel Foucault, Gilberto Freyre, Antonio Candido, entre outros, num esforço analítico de alto rigor e sofisticação.

O prólogo introduz a leitura com uma análise do racismo nos Estados Unidos, focalizando a ideologia da “leucracia” — termo cunhado por Sodré para designar o domínio simbólico e institucional da branquitude Sodre (2023, p. 18). A leitura do autor remonta às interpreta es religiosas da maldi o de Caim, ao darwinismo social e às doutrinas supremacistas brancas, indicando como tais elementos contribuíram para a constru o de um modelo racial segregacionista, com forte impacto no imaginário político ocidental. Segundo Sodré, essa matriz influenciou não apenas a política racial estadunidense, mas inspirou a elabora o de ideologias autoritárias na Europa e América Latina, incluindo o Brasil.

No primeiro capítulo, o foco se desloca para a realidade brasileira. Sodré afirma que a república brasileira “nasceu velha” Sodre (2023, p. 37), pois manteve, após a aboli o formal da escravidão em 1888, as estruturas de poder e os valores da ordem escravista. Argumenta que, em vez de ruptura, houve transi o conservadora que perpetuou a lógica senhorial e excluiu os negros da cidadania plena. Nesse cenário, ele questiona a adequa o do conceito de racismo estrutural para o caso brasileiro. Em seu lugar, propõe a “forma social escravista” como uma configura o relacional e simbólica que organiza, desde a base, a vida social. Não se trata de uma estrutura visível ou legalmente constituída, mas de uma forma de ser, de perceber e de interagir, incorporada nos gestos, afetos e representa es.

O segundo capítulo aprofunda o conceito central. A “forma social escravista” seria uma matriz cultural fundada no desejo da elite de constituir uma sociedade branca, europeizada e excludente.  , portanto, uma proje o de subjetividades moldadas pela escravidão, que se atualiza continuamente, mesmo após o fim formal do regime escravista. Sodré recorre ao exemplo histórico de Nilo Peçanha para demonstrar como a branquitude foi performada como critério de pertencimento e legitimidade política no Brasil, tornando o corpo negro um corpo fora de lugar, mesmo quando inserido nos espaços de poder Sodre (2023, p. 88). Essa exclusão   simbólica, mas opera com efeitos materiais profundos.

No terceiro capítulo, o autor discute o silenciamento e a nega o da presença negra no Brasil pós-abolicionista. Com a aboli o, o racismo não desaparece, mas assume novas formas: menos ostensivas, mais sutis, porém igualmente violentas. A invisibiliza o da popula o negra



nos meios de comunicação, na política e nos espaços institucionais é apontada como estratégia deliberada de manutenção da ordem racista Sodré (2023, p. 119). O autor destaca que essa invisibilidade não é apenas ausência, mas um ato performativo de apagamento e exclusão. A violência simbólica, nesse sentido, opera com a mesma potência da violência física.



O quarto e último capítulo aborda a passagem ao ato racista: o momento em que a violência simbólica se transforma em violência concreta — física, discursiva e institucional Sodré (2023, p. 151). Nesse sentido o autor denuncia o descaso histórico da esquerda brasileira com a questão racial, frequentemente secundarizada em nome da luta de classes. Para ele, essa negligência revela o enraizamento da forma social escravista inclusive nos discursos progressistas. O racismo, mais do que um problema estrutural, é uma forma de existência: habita os corpos, molda os afetos, estrutura os vínculos sociais. A crítica é contundente e desestabiliza leituras acomodadas da realidade racial brasileira.



No posfácio, o autor retoma os principais argumentos e reafirma que sua intenção não é apresentar uma teoria fechada, mas uma interpretação crítica, fundada na experiência histórica e no rigor conceitual. Diferentemente dos modelos raciais institucionalizados por leis, como o apartheid sul-africano ou o regime Jim Crow nos EUA, o racismo brasileiro opera por vias difusas, sutis e naturalizadas. A “forma social escravista” atua pela linguagem, pelos gestos, pelos silêncios e omissões. Não exige decretos oficiais; sua eficácia está na sua capilaridade e invisibilidade social (Sodré 2023, p. 231).



A principal inovação teórica da obra está em deslocar o eixo analítico do racismo brasileiro do plano estrutural para o plano formativo e relacional. Com isso, Sodré amplia o campo de inteligibilidade das dinâmicas raciais no país, enfatizando a dimensão subjetiva e afetiva da exclusão. Trata-se de uma proposta ousada, que desafia paradigmas consagrados e exige revisão crítica de conceitos consolidados. A complexidade da abordagem, no entanto, requer do leitor uma sólida formação teórica e familiaridade com os debates contemporâneos sobre raça, cultura e poder.



Embora o título da obra evoque o fascismo histórico, essa analogia não é aprofundada empiricamente ao longo do texto. A crítica não compromete o valor da obra, mas indica um possível caminho para investigações futuras. A referência ao fascismo funciona mais como metáfora conceitual para denunciar o caráter autoritário, violento e irracional do racismo brasileiro, do que como categoria histórica rigorosa.



Em suma, O Fascismo da Cor é uma obra de fôlego intelectual e compromisso ético. Muniz Sodré propõe uma leitura original, densa e necessária do racismo no Brasil, contribuindo

de forma decisiva para os estudos decoloniais, pós-coloniais e afro-brasileiros. Sua escrita, ao mesmo tempo erudita e engajada, convoca o leitor a romper com os consensos fáceis e a encarar as formas persistentes da dominação racial. A resenha aqui apresentada busca destacar os principais méritos da obra, sem esgotar sua riqueza analítica, pois, como toda grande contribuição teórica, ela demanda leitura atenta, crítica e constante atualização.

Enviado em: 24/07/2025.

Aceito em: 15/09/2025.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO